

Abreu e Lima, a “Capital dos Evangélicos de Pernambuco”: Religião e Paisagem Urbana

Ester Claudino Gomes da Silva¹  

Caio Augusto Amorim Maciel²  

Resumo: Abreu e Lima é o município brasileiro com maior percentual de habitantes evangélicos, onde dos 94 mil abreulimenses 40% se declaram deste seguimento religioso. O estudo aqui apresentado visa compreender a expressão do fenômeno religioso pentecostal na assim chamada capital dos evangélicos de Pernambuco, verificando também o impacto da religião nas dinâmicas socioculturais, analisando de forma visual como a instalação de igrejas no município moldam/modificam a paisagem local. A pesquisa em questão fez uso do método qualitativo com base nas premissas de Gomes e Ribeiro (2013) acerca da investigação visual em geografia e de Paiva (2024), no que tange à paisagem-como-texto, incluindo pesquisa bibliográfica, trabalho de campo e interpretação da paisagem. Fez-se uso de mapas e dados dos Censos de 2010 e 2022 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), das notas do diário de campo e registros fotográficos autorais. A presença evangélica na cidade nutre uma profunda relação e interação com o espaço, conformando múltiplas paisagens tais como a corporal, comercial e sonora.

Palavras-chave: Paisagem; Evangélico; Pentecostalismo; Cultura; Abreu e Lima.

ABREU E LIMA, THE “CAPITAL OF EVANGELICALS OF PERNAMBUCO”: IDENTITY, RELIGION AND URBAN LANDSCAPE

Abstract: Abreu e Lima is the Brazilian municipality with the highest percentage of evangelical residents, where 40% of its 94,000 inhabitants identify as part of this religious group. The study presented here aims to understand the expression of the Pentecostal religious phenomenon in the so-called capital of evangelicals in Pernambuco, also examining the impact of religion on sociocultural dynamics and visually analyzing how the establishment of churches in the municipality shapes and modifies the local landscape. This research utilized a qualitative method based on the premises of Gomes and Ribeiro (2013) regarding visual investigation in geography and Paiva (2024) concerning landscape-as-text, including bibliographic research, fieldwork, and landscape interpretation, employing maps and data from the 2010 and 2022 IBGE (Brazilian Institute of Geography and Statistics) censuses, field diary notes, and personal photographic records. The evangelical presence in the city fosters a profound relationship and interaction with the space, creating multiple landscapes such as bodily, commercial, and sonic ones.

Keywords: Landscape; evangelical; pentecostalism; culture; Abreu e Lima.

¹ Mestranda em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

² Professor Associado da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

INTRODUÇÃO

O município de Abreu e Lima, com uma área de 126,193 km², situado no litoral norte de Pernambuco, compõe um dos 15 municípios da Região Metropolitana do Recife, ocupando 2,82% do território pernambucano, fazendo divisa com os municípios Igarassu, Araçoiaba, Paulista, Camaragibe e Paudalho, estando a uma distância de 19 km da capital Recife (IBGE, 2017). Ademais, o topônimo Abreu e Lima, adotado em 1948, faz jus ao General José Inácio de Abreu e Lima (1794-1869), militar, político, escritor e jornalista pernambucano, conhecido também como general das massas, que conviveu e lutou ao lado de figuras como Simón Bolívar (CONDEPE/FIDEM, 2015).

Abreu e Lima foi palco de diversas dinâmicas socioespaciais desde o período colonial, quando o uso e a ocupação do solo eram baseados no sistema de plantation, com áreas destinadas ao monocultivo da cana de açúcar. Essa atividade econômica assegurava as demandas do município, que, posteriormente, se integrou à indústria de transformação. Durante sua história, o município esteve subordinado a outras cidades e se emancipou tardiamente em 1982, completando 42 anos de autonomia administrativa. Com a metropolização do Recife e a consequente expansão urbana, Abreu e Lima foi integrado à Região Metropolitana (RMR).

De acordo com o censo de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Abreu e Lima é o município brasileiro com maior percentual de habitantes evangélicos, onde dos 94 mil habitantes abreulimenses, 40% se declaram protestantes. Esse expressivo número de adeptos motivou em 2008 a criação de uma Lei Municipal (de número 632), que declara o dia 31 de outubro feriado como o Dia da Consciência Evangélica. Seguidamente, em maio de 2018, Abreu e Lima recebeu o Título Honorífico de Capital dos Evangélicos de Pernambuco.

Podemos considerar que a formação social e política de Abreu e Lima acompanhou diretamente o desenvolvimento do segmento evangélico. Inicialmente, a cidade era um distrito de Paulista, conhecida como Maricota, funcionando como uma cidade-dormitório marcada pela pobreza e marginalização (Santos, 2008). Esse cenário criou condições favoráveis para a expansão do pentecostalismo, um movimento que já se desenvolvia no Recife desde 1918 (Conde, 1960), sendo amplamente reconhecida a relação entre crescimento do cristianismo pentecostal e a recente formação de periferias nos grandes centros urbanos no Brasil (Spyer, 2020).

Em 1977, a divisão de ministérios na Assembleia de Deus (Correa, 2016), permitiu que a congregação atuasse de forma autônoma em relação à capital, abrindo novos caminhos para seu crescimento em Abreu e Lima. Posteriormente, em 1982, o processo de emancipação política da cidade contou com forte apoio tanto da população quanto das lideranças evangélicas, consolidando a relação entre o desenvolvimento religioso do município e a história política local.

Neste contexto, este trabalho é parte dos resultados de uma monografia que, além de mapear as igrejas em bairros selecionados, buscou compreender a expressão do fenômeno religioso pentecostal na chamada "capital dos evangélicos". A pesquisa analisou a paisagem de Abreu e Lima sob as perspectivas do corpo, do comércio e da sonoridade. O objetivo deste estudo de caso é destacar os símbolos e significados evangélicos presentes nesses elementos e sua relação com o espaço urbano, através de uma análise visual e sonora da paisagem.

Para além das estruturas materiais, a presença religiosa também se manifesta nas vestimentas, posicionando o evangélico como um sujeito paisagístico. Ou seja, os marcadores corporais e a indumentária dos adeptos interferem diretamente na leitura e na representação da paisagem urbana, conferindo-lhe significados que transcendem o visual e o físico.

Outro ponto relevante é o comércio com alcunhas que fazem referência ao poder religioso da cidade. Já a paisagem sonora é composta por canções, pregações e hinos evangélicos que reforçam a crença dos fiéis abreulimenses e, simultaneamente, constituem territorialidades. Estabelecimentos que abarquem em seu repertório musical hinos e canções evangélicas possuem grande aceitação local, pelo menos no que se refere aos fiéis.

A partir de uma abordagem subsidiada na Geografia Cultural, buscou-se compreender a relação entre religião, espaço e cultura, alimentando assim a insuficiente produção de Geografia da Religião no estado de Pernambuco. O tema da pesquisa justifica-se tanto pela escassez quanto pela necessidade de se compreender a dinâmica espacial e territorial da manifestação religiosa. Abreu e Lima mantém uma dinâmica espacial pautada em questões religiosas, desde as relações sociais até escalas culturais, políticas e econômicas (Silva, 2023). Por conseguinte, esse espaço evoca questões sobre a repercussão espacial da religião, que se faz presente seja pela morfologia urbana, narrativas ou paisagem sonora.

METODOLOGIA

A pesquisa, de caráter exploratório e com abordagem qualitativa, investiga a relação entre os seres humanos e o espaço geográfico. Conforme argumenta Paiva (2024), para compreender essa relação, que é central para a geografia, é necessário considerar uma ampla variedade de processos qualitativos e subjetivos. Esses processos incluem discursos, narrativas, representações, símbolos, ideologias, práticas, experiências, emoções, afetos e materialidades (Paiva, 2024, p. 7).

Assim, os procedimentos metodológicos estão ancorados na pesquisa bibliográfica, no trabalho de campo e na interpretação da paisagem sob a perspectiva da paisagem-como-texto (Paiva, 2024), utilizando a iconográfica como material auxiliar. Neste sentido, a investigação ancora-se ainda em Gomes e Ribeiro (2013), para quem as imagens constituem ferramentas essenciais para a compreensão do espaço, atuando como instrumentos de descoberta que contribuem para a construção do conhecimento. Em tal abordagem, a descrição integra a averiguação visual enquanto prática que vai além da simples enumeração de atributos, constituindo uma reflexão sobre as condições do olhar.

O referencial teórico foi desenvolvido com base em leituras e no aprofundamento do contexto histórico da cidade, complementado pelos conceitos socioespaciais de cultura, religião, espaço e paisagem. Para a análise, foram utilizados mapas e dados dos Censos de 2000, 2010 e 2022 do IBGE. O recorte temporal de 2000 e 2010 é justificado pelo adiamento do Censo de 2020 devido à pandemia de COVID-19. Apesar de o Censo de 2022 ter sido realizado, os dados qualitativos sobre religião ainda não foram disponibilizados, o que limitou o acesso a informações mais atualizadas.

O trabalho de campo foi realizado durante os anos de 2021 e 2022, utilizando observações diretas e sistemáticas da paisagem, buscando identificar formas simbólicas e sonoridades relativas ao universo evangélico e registros fotográficos para a interpretação visual da espacialidade, com a confecção de diários de campo e produção fotográfica. Foram realizadas visitas a três bairros de Abreu e Lima: Centro, por ser o ponto central da malha urbana do município, reunindo características importantes e representando um local indispensável para as reflexões propostas; Timbó, selecionado por ser o lar da autora da pesquisa e o lugar que forneceu as ideias iniciais para o estudo; e Caetés 1, que se destaca por ser o bairro com o maior

número de residentes do município e por estar entre os bairros mais afastados do centro da cidade. Esse afastamento permitiu a observação de dinâmicas específicas, já que o bairro apresenta um comércio local e relações singulares, quase independentes do núcleo urbano central.

Já os registros fotográficos foram baseados na pesquisa iconográfica, analisando imagens e fotografias para descrever as particularidades do espaço urbano do município. As imagens (paisagens) selecionadas tiveram como objetivo fornecer uma resposta clara e visual ao fenômeno religioso na cidade, colaborando com “os procedimentos de construção do pensamento geográfico” (Gomes; Ribeiro, 2013, p. 28).

A Geografia Cultural e as Feições Religiosas no Espaço

Abreu e Lima apresentando-se o município brasileiro com o maior percentual de evangélicos, cujo espaço simbólico erige-se a partir de estruturas concretas – como igrejas – e imateriais – tais como a manifestação e o exercício da fé. Essas construções se interpenetram, produzindo representações da vida social que afetam o espaço; em consequência, as relações socioculturais espelham tais processos. A cultura, como um conjunto de práticas sociais que expressam significados comuns (William, 2000), possui o poder de construir sentidos que se reverberam em ações e atitudes, quer dizer, cultura é o modo como a sociedade é concebida e vivida pelas pessoas. Numa abordagem geográfica, cultura é envolvente, se “agarra” ao espaço e marca a paisagem, sendo perpetuada – se assim permitirem os eventos da sociedade – ao longo do tempo.

A geografia, como disciplina que estuda o espaço e interpreta as relações sociais à luz de aspectos históricos e culturais, lança-se ao desafio de abarcar também as feições e os significados religiosos, que tanto a paisagem como o espaço abrangem. Souza (2010), propõe que a Geografia da Religião, sub-ramo da Geografia Cultural, tem como intenção investigar e explicar a relação entre religião e a realidade geográfica dos lugares, esclarecendo que a Geografia da Religião é uma

Expressão institucional do ponto de vista espiritual, reflexo das escolhas culturais de vida dos seres humanos, a religião faz parte das discussões geográficas, principalmente, pela tentativa dos geógrafos de entender e explicar as razões que levam o indivíduo a perceber e

significar certas porções do espaço geográfico como sagradas (Souza, 2010, p. 70).

Assim, como posto por Souza, a Geografia da Religião tem como uma de suas premissas investigar o espaço através das concepções do ser religioso. O abreulimense pentecostal, mesmo inserido nas dinâmicas metropolitanas, vê-se marginalizado frente à deficiência de políticas públicas. Sabe-se que nas periferias muitos evangélicos pentecostais vivem em situação de pobreza, donde pertencer a uma igreja pode trazer ascensão econômica, como mostrou Juliano Spyer, para quem o crescimento do cristianismo evangélico no Brasil tem a ver com a influência das igrejas para melhorar as condições de vida dos mais pobres (Spyer, 2020, p. 23). Assim, a religião abarca os mais necessitados através de algumas ações não exercidas pelo Estado tais como: estar em locais de difícil acesso, chegar onde faltam serviços, funcionar de forma pulverizada, sendo mais maleável e flexível, adaptando-se rapidamente às comunidades locais; e apresentar-se menos verticalizada, burocrática e hierarquizada, propondo uma rede de proteção social, como também pontuado por Spyer (Idem).

À vista disso, a pesquisa ancora-se na Geografia Cultural, fomentando o escasso arcabouço de investigações no tema da Geografia da Religião (ramo que conta com as figuras de proa Zeny Rosendahl e seus trabalhos vinculados ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC) e Sílvio Fausto Gil Filho vinculado ao Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (NEER). Acredita-se que, como todo fenômeno ocorre em algum lugar do espaço, logo é possível localizá-lo, analisar suas tendências e seus pontos de ocorrência. Dentre os conceitos da geografia, o presente escrito aborda o fenômeno pentecostal através da paisagem.

Paisagem: Conceito Guia

A Geografia Cultural propõe o entendimento de conceitos-chave para o fenômeno religioso, tais como cultura, paisagem e simbolismo. A cultura tem sido vista como o agente central na interpretação da espacialidade dos fenômenos, muito embora as perspectivas geográficas incorporem mais que a interpretação das formas materiais. Nos primórdios da abordagem cultural da geografia, Carl Sauer, um dos seus precursores, definiu paisagem de maneira ampla, englobando tudo que é percebido visualmente, com ênfase em três elementos fundamentais: forma, função e

estrutura (Corrêa, 2014). Em sua obra "A Morfologia da Paisagem", de 1925, Sauer introduz uma abordagem morfológica que se tornou célebre, enfocando o estudo das formas e configurações externas da cultura, isto é, sua materialidade espacial. Argumentava então que as sociedades humanas não apenas se desenvolvem em relação às suas paisagens, mas também as moldam ativamente.

Para Sauer, a interação entre o homem e a paisagem natural resultaria na criação de uma paisagem cultural, sujeita a transformações ao longo do tempo devido ao desenvolvimento cultural ou à substituição de culturas. Ele enfatiza que a paisagem é uma seção significativa da realidade, caracterizada por fenômenos que não estão apenas reunidos, mas são interdependentes e associados entre si. Para esse autor:

A paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado. Sob a influência de determinada cultura, ela própria mudando através do tempo, a paisagem apresenta um desenvolvimento, passando por fases e provavelmente atingindo no final o término do seu ciclo de desenvolvimento. Com a introdução de uma cultura diferente, isto é, estranha, estabelece-se um rejuvenescimento da paisagem cultural ou uma nova paisagem se sobrepõe sobre o que sobrou da antiga (Sauer, 1998, p. 59).

A corrente saueriana foi, de fato, uma grande contribuição para as ciências geográficas, apresentando, em diálogo com a antropologia, novas possibilidades de ver e entender a paisagem em seus aspectos concretos, com marcante influência até meados do século XX. No entanto, Sauer fazia "alusão ao poder da cultura de fazer as coisas", seguindo a visão superorgânica de Kroeber (Duncan, 2002), na qual a cultura é colocada como entidade mística, o "agente modelador" do espaço por excelência. Assim, seria uma entidade acima da sociedade e "com total autonomia para determiná-la em suas formas estéticas, linguísticas, bem como sua psicologia social" (Pedrosa, 2016, p.35). Tal determinismo cultural foi rechaçado desde a virada cultural dos anos 1970/80, quando a geografia absorve expressivas influências, seja do pensamento crítico (marxismo), da fenomenologia existencialista ou de teorias pós-modernas.

Sendo assim, é importante destacar que a presente pesquisa utiliza o conceito de cultura, englobando aspectos imateriais, como uma categoria da vida social (Sewell Jr, 2008), e, como já dito anteriormente, constrói sentidos que se reverberam em práticas, envolvendo o homem numa dialética entre sistema e prática.

Isso registrado, fizemos uso da definição utilizada por Duncan

Poder-se-ia sugerir que a cultura, em vez de ser vista como uma poderosa força autônoma, deve ser considerada como um conjunto de tradições e crenças que podem orientar a ação, especialmente quando definidas pelos próprios agentes como modos de comportamento "naturais" ou "corretos" (2002, p. 25).

Nessa perspectiva, a noção de cultura torna-se complexa, porém acessível, não sendo concebida como uma definição absoluta e inquestionável, mas como um tema dinâmico e aberto ao debate; que constitui um "contexto para, e não uma determinante de escolhas" (Duncan, 2002).

Esse entendimento da cultura, enquanto contexto dinâmico, nos retoma a reflexão sobre a paisagem cultural. No início dos anos 70, o conceito de paisagem passou por uma reformulação a partir de novos referenciais filosóficos que também influenciaram a Geografia Cultural. A abordagem saueriana, que inicialmente tratava a paisagem de forma morfológica, abriu espaço para visões mais abrangentes, como a de Cosgrove (1998). Nessa nova perspectiva, a paisagem ganhou um caráter alegórico, com a introdução dos símbolos e seus significados.

Os símbolos constituem parte fundamental das concepções de paisagem cultural, por integrar a dimensão simbólica da realidade à cultura. Assim, a paisagem, nas palavras de Corrêa (2011), não é apenas um resultado direto da ação humana que transforma a natureza, mas também uma forma simbólica impregnada de valores. Ela desempenha um papel ativo na reprodução da cultura, interligando a transformação física do ambiente com a construção de significados culturais.

No campo da religião, a partir dos símbolos, o homem metamorfoseia a realidade e recobre o mundo com a visão do sagrado, na qual a organização espacial obedece à lógica da mesma (Rosendahl, 2018). Podemos completar com a assertiva de Rosa (2014) em que a manifestação do sagrado como um fenômeno social apresenta dimensões espaciais, isto é, trata-se de fenômeno intrinsecamente territorial.

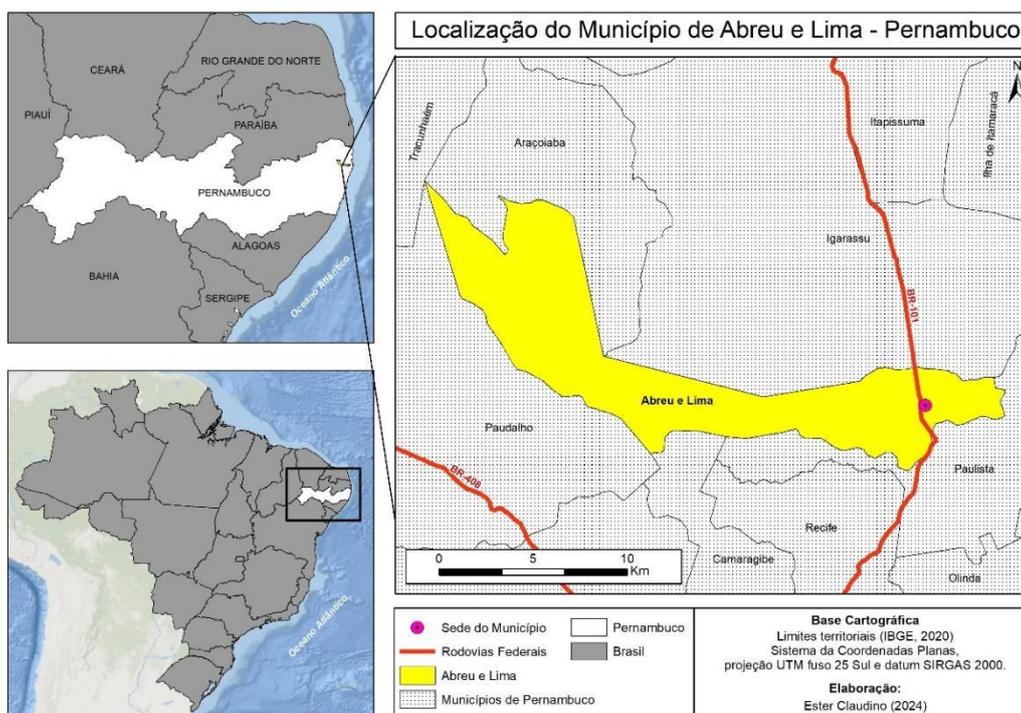
As dimensões religiosas do espaço estão representadas por complexos imaginários culturais. A religião é uma categoria que possui um cosmo particular, havendo em sua constituição uma ordem simbólica bem definida. Assinalamos, pois, que: as pessoas, através da religião - uma categoria com símbolos e dinâmicas estruturadas a partir de uma concepção da origem do mundo e de seus

acontecimentos finais - busca na existência um sentido para a realidade e para o outro mundo em que, a partir dos valores religiosos, transforma o espaço.

Abreu e Lima: Capital dos Evangélicos

Abreu e Lima (Figura 1) possui, ao todo, 17 bairros distribuídos entre a área urbana e a rural. Segundo dados do Censo de 2022, a população absoluta do município era de 98.462 habitantes. Em comparação, o Censo de 2010 registrou uma população de 94.429 habitantes. Isso indica um crescimento populacional de aproximadamente 4.033 habitantes ao longo da última década.

Figura 1 - Mapa de Localização – Abreu e Lima – Pernambuco



Fonte: IBGE (2020)

Do ponto de vista religioso, segundo o IBGE (2010), Abreu e Lima é o município brasileiro com o maior percentual de habitantes evangélicos. Dos 94 mil habitantes do município, 40% se declaram protestantes. Em 10 anos, o número de adeptos evangélicos aumentou em pouco mais de 10.500 pessoas (Tabela 2). Quando esse aumento é expresso em porcentagem, chega a quase o dobro da média nacional: Brasil 22,16% e Abreu e Lima 40,47% no ano de 2010.

Tabela 2 - População residente, por religião
Religião – Evangélica

Município	Ano	
	2000	2010
Abreu e Lima (PE)	27686	38218

Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2000 e 2010.

Esse número expressivo de evangélicos fez com que o município instituísse, em 2008, o dia 31 de outubro como feriado, o Dia da Consciência Evangélica. Nesta data são realizados encontros, cultos públicos e chamados para oração, com o uso de espaços como ruas, praças e escolas para a comunhão dos adeptos. No ano de 2016 ocorreu a “Semana da Consciência Evangélica” onde toda a cidade foi palco para o evento.

Seguidamente, em maio de 2018, recebeu o Título Honorífico de Capital dos Evangélicos de Pernambuco, Projeto de Resolução nº 1942/2018, de autoria do Deputado Bispo Ossésio Silva.

De acordo com a justificativa apresentada pelo autor da proposição, no município de Abreu e Lima, na Região Metropolitana do Recife, quase 40% da população segue alguma das denominações Evangélicas. O percentual é quase o dobro da média nacional, segundo o censo do IBGE. Feitas essas considerações, opino pela aprovação do Projeto de Resolução nº1942/2018, de autoria do Deputado Bispo Ossésio Silva, nos termos em que se encontra. (ALEPE, 2018)

É visto, portanto, que a presença evangélica na cidade tem importante influência política - criação de feriado, menções honrosas, projetos de lei, políticas públicas etc. - que, inclusive, toma dimensões espaciais, como na toponímia das ruas e escolas e instituição de monumentos.

A Paisagem Evangélica Abreuelimense

Existem diversas considerações sobre o conceito de paisagem, e seria difícil enumerar todas as valiosas contribuições de geógrafos e profissionais de outras áreas ao longo do último século. Essas produções não apenas trouxeram diferentes concepções, mas também enriqueceram as interpretações sobre a relação humana com o espaço. Assim, esta seção aborda a paisagem a partir de interpretações

simbólicas e culturais, que permitem compreender as interações entre o espaço e as expressões humanas, considerando os símbolos e significados associados a ele.

Nesse contexto, a paisagem não é apenas aquilo que a visão alcança, mas um conjunto de elementos visíveis e invisíveis, como valores, crenças e significados atribuídos pelo olhar humano. As imagens obtidas durante o trabalho de campo servem como suporte visual para a análise das manifestações pentecostais na paisagem urbana. Essas representações iconográficas complementam a discussão teórica ao evidenciar, de forma tangível, as interações entre práticas religiosas e o espaço público.

Berque (2012) analisa a paisagem a partir do sujeito coletivo que, inserido na sociedade, produz, reproduz e transforma o espaço em função de uma certa lógica. O autor sugere as concepções de paisagem marca e paisagem matriz. Marca é o que fazemos com o espaço a partir do que é predeterminado pela matriz, sendo a matriz aquilo que condiciona nossas ações, pensamentos e concepções.

É preciso compreender a paisagem de dois modos: por um lado, ela é vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada (e eventualmente reproduzida) por uma estética e uma moral, gerada por uma política etc.; e, por outro, ela é matriz, ou seja, determina, em contrapartida, esse olhar, essa consciência, essa experiência, essa estética, essa moral, essa política etc. (Berque, 1998, p.240).

Claval (1999), por sua vez, propõe que as ações humanas são projetadas na paisagem, afirmando que ela é humanizada não apenas pela ação humana, mas igualmente pelo pensar. O autor atribui ao ser humano não apenas a responsabilidade de transformar a paisagem, mas também destaca que diferentes grupos culturais são capazes de provocar transformações diferenciadas nela.

Se a cidade de Abreu e Lima se destaca pela predominância de igrejas do segmento pentecostal e pela numerosa quantidade de adeptos evangélicos é de se esperar que os modos de construção, apresentação e deslocamento desses grupos no espaço, bem como seu dress code, reflitam-se na espacialidade da cidade. Exemplos incluem as vestimentas, que seguem um padrão comum entre os membros evangélicos e recaem visualmente com mais força sobre as mulheres do que sobre os homens. As mulheres geralmente usam saias abaixo do joelho, mantêm os cabelos longos e vestem blusas sem decote, enquanto, entre os homens, a identificação costuma ocorrer por meio do uso de roupas formais como camisas de botão e sapatos fechados, caracterizadas aqui como “paisagem corporal” (Rocha, 2012).

Além da utilização de músicas e/ou hinos gospel, que não se restringem aos domicílios cristãos, mas também são reproduzidas em lojas e supermercados que, conscientes da adesão local, as utilizam como um apelo para consumidores potenciais; e estabelecimentos que empregam toponímias e versículos bíblicos em suas fachadas. Dessa forma, as diversas paisagens descritas neste trabalho serão compreendidas como um “fenômeno social, percebido e operado pela sociedade” (Schier, 2003. p. 81).

Geografia do Corpo, Corporeidade e Paisagens Corporais

Com base em Eliade (1992), é possível estabelecer fundamentos para a relação entre o sagrado e o espaço. O autor desenvolve o conceito de “hierofania”, que possui duas significações complementares: o sagrado é tudo aquilo que não é profano. À primeira vista, essa definição pode parecer simplista, mas analisar um objeto a partir do que ele não é, pode enriquecer a compreensão sobre o que ele pode ser. Assim, o que é o sagrado? Sabemos que não é profano; o sagrado é aquilo que se revela, uma manifestação que transcende o ordinário, transformando um espaço e conferindo-lhe uma dimensão única. Nas palavras do autor, esse espaço configura-se como o “centro do mundo”. Essa manifestação está fortemente ligada à cultura e à história, uma vez que todo fenômeno está intimamente associado tanto ao tempo quanto ao espaço. Assim, ao relacionar a hierofania à escala micro, o corpo será analisado como uma categoria que expressa e dá forma à manifestação do sagrado. Como estudado por Rodrigues (2008, p. 95), a escala do corpo:

[...] refere-se ao indivíduo em si mesmo, ao homem religioso. O corpo é a primeira dimensão na qual são percebidos os sentidos que se dão à existência por meio de uma relação desse homem com o sagrado. Ao fazer parte desse cosmos, o homem religioso passa a dar novos sentidos e cuidados ao corpo, observando desde as vestes que utiliza para cobri-lo e tornar-se apresentável à divindade até as músicas que ouve.

A partir da manifestação religiosa, ocorre a distinção entre o profano e o sagrado. O corpo torna-se, portanto, não apenas um reflexo, mas também um símbolo do sagrado presente no espaço, diferenciando o ser religioso dos demais indivíduos classificados como mundanos. A paisagem corporal, entendida aqui como uma

revelação do visível (Besse, 2014, p. 64), expressa um valor que transcende o estético, englobando também o simbólico, o religioso e o moral. Sendo assim

Veículo semântico pelo qual se evidencia a relação do homem com o mundo, [...] nos permite desenvolver múltiplas leituras a partir de inúmeras formas de abordagem, tendo em vista sua mediação entre o sagrado e o profano, o limpo e o sujo, o feio e o bonito, a cor e o sexo, e uma infinidade de expressões simbólicas por meio das quais se pode apreender desde a vida ritual às mitologias que formam o imaginário do corpo no âmbito das culturas tradicionais e modernas. (Rocha, 2012, p. 81)

É importante ressaltar que a noção de paisagem corporal é um conceito novo no campo da geografia. Muitas das bases conceituais para desenvolver esse conceito foram extraídas de estudos sobre o corpo e a corporeidade, bem como de outras áreas das ciências humanas, como sociologia e antropologia, que destacam a discussão sobre o corpo e sua relação social.

Durante a pesquisa de campo, observou-se a utilização de vestimentas características dos adeptos de determinadas denominações religiosas na cidade. A expressão exterior das vestes é mais visível nas mulheres do que nos homens (Figura 2). As mulheres frequentemente usam saias ou vestidos que vão até ou abaixo dos joelhos, camisetas de manga e, quando usam roupas com decotes, costumam adicionar uma blusa por baixo. Em contraste, as vestimentas dos homens não são tão distintivas à primeira vista, a menos que estejam usando terno e gravata, como já evidenciado nas pesquisas de Rolim (1980). Ademais, muitas mulheres, além de seguir o código de vestimenta que inclui saias abaixo dos joelhos e a evitação de decotes, também se comprometem a manter o cabelo comprido.

Essa diferenciação, caracterizada pelas vestes, foi abordada por Souza (2016) e pelos autores Rigoni e Prodócimo (2013). A pesquisa de Prodócimo expõe que as religiões são ricas em oralidade, sermões e lições, que são fontes de linguagem altamente significativas na formação do corpo dos seus adeptos. Segundo a autora, essa formação muitas vezes se configura como uma “ditadura corporal” subordinada aos desígnios divinos, diferenciando as práticas para homens e mulheres, com uma ênfase maior nas exigências dirigidas às mulheres.

Figura 2- Paisagem corporal no espaço público de Abreu e Lima



Fonte: autores, 2022.

Rigoni (2013), apesar de não atuar na área das ciências geográficas, apresenta a ideia de que a religião deixa “marcas” nos fiéis, influenciando também a maneira como utilizam seus corpos. Essa perspectiva dialoga com as ideias de paisagem marca e paisagem matriz de Berque (2012), discutidas no início desta seção. A colocação de Rigoni reforça o desenvolvimento conceitual de paisagem corporal, que definimos aqui como uma expressão identitária visível. Essa expressão não gera apenas uma imagem, mas também exterioriza práticas e costumes, determinados pelas condições socioculturais, e conforma símbolos e significados através do corpo, conforme já indicado por Nunes (2014, p. 13).

O corpo, ao mesmo tempo em que é objeto é também o sujeito, é lócus material e simbólico: carrega em si marcas sociais de diferentes contextos históricos, compondo uma estratigrafia que ultrapassa a pele, o tecido adiposo, os músculos e os ossos, pois é, também, constituído de camadas de significado.

Levando em consideração essa forma de ser e estar não só no espaço, mas também inserido em uma relação de cunho religioso — que cria um reflexo do “eu” para o mundo — é possível afirmar que, associado à religião evangélica, o homem acredita estar intimamente ligado à imagem e semelhança de Deus (Bíblia, 2022, Gn.

1:26). Essa crença reflete diretamente nos cuidados e hábitos que ele adota em relação ao próprio corpo.

Azevedo, Pimenta e Sarmento (2009) afirmam que é necessário ir além da noção construtivista que vê o corpo apenas como uma superfície de inscrições, frequentemente reduzida a uma mera “imagem”. Eles alertam que o espaço do corpo pode ser entendido como tendo múltiplas camadas, cada uma contendo as relações e práticas do corpo com objetos e outros espaços. Essa visão está em consonância com a ideia de que o corpo não deve ser pensado como uma entidade isolada, mas como algo com um caráter eminentemente relacional (Azevedo, 2009).

Portanto, o debate evolui para a construção de um conceito baseado na expressão corporal que reflete não apenas uma identidade subjetiva, mas também práticas, símbolos e hábitos. Como Pimenta (2009, p. 241) já colocou, a construção da própria identidade exige o estabelecimento de relações de exclusão e diferença, que são profundamente essencializadas e envolvem mais do que o nível emocional individual de cada participante. Ademais, fica aberta a possibilidade de interpretar as territorialidades dessas simbologias corporais, ou seja, analisar onde e quando os fiéis abreulimenses utilizam suas vestimentas como expressão de fé, especialmente no espaço público, caracterizado pela dinâmica do ver e ser visto (Gomes, 2013).

Paisagem comercial e símbolos evangélicos

Há uma situação recorrente em Abreu e Lima que Souza (2016) já evidenciava em suas pesquisas sobre a cidade. Diversos estabelecimentos e pontos comerciais utilizam nomes com referências bíblicas (Souza, 2016, p. 27) ou tocam música gospel nas lojas do comércio local para atrair clientes (Souza, 2016, p. 9). Embora a pesquisa, por seu caráter exploratório, não tenha avançado em conclusões mais detalhadas sobre o assunto, deixou pistas valiosas para discussão e reflexão.

Os estabelecimentos comerciais locais utilizam nomes com referências bíblicas ou música gospel para duas principais finalidades: em primeiro lugar, para atrair clientes e criar um ambiente convidativo tanto para o público geral quanto para um público específico (evangélico), levando em conta as relações socioculturais locais da cidade; em segundo lugar, para evocar um contexto religioso que metamorfoseia o espaço mundano. Quando uma loja opta por nomes como Ótica Shalom, Maranata Modas, Presente de Deus, entre outros, está tentando reconfigurar o espaço. Nesse

sentido, um espaço no mundo, que não pode ser completamente sagrado, reconstrói uma narrativa religiosa para se afastar do espaço profano, o que podemos denominar como um "espaço de transição", tomando como ideia a concepção de "espaço profano remotamente vinculado ao sagrado" de Rosendahl (2018, p.86), em um contexto social e comercial. Esse espaço de transição é visto como um ponto no mundo que não compartilha de seus artifícios além da esfera comercial. O evangélico como empreendedor acredita que sua loja não pode ser um ponto sagrado absoluto, evocando assim a escala relativa. Este segundo caso abre um leque de possibilidades para análise e debate.

Mendes et al. (2010) discutem a toponímia comercial, afirmando que o comerciante cria, geralmente, o nome de seu estabelecimento com o intuito de que esse topônimo comercial seja capaz de representar, minimamente, o lugar que denomina, atraindo e influenciando a clientela. Segundo os autores, a linguagem da propaganda comercial tem como objetivo atuar sobre o público consumidor, influenciando a aquisição de determinados produtos ou serviços. Para alcançar esse objetivo, a propaganda dispõe de características universais de concisão e afetividade, buscando apelar ao público de forma socialmente impactante. Além disso, o comerciante reconhece a importância da imagem do nome de seu estabelecimento junto ao público consumidor, o que diferencia seu negócio dos demais (Mendes et al., 2010, p. 6).

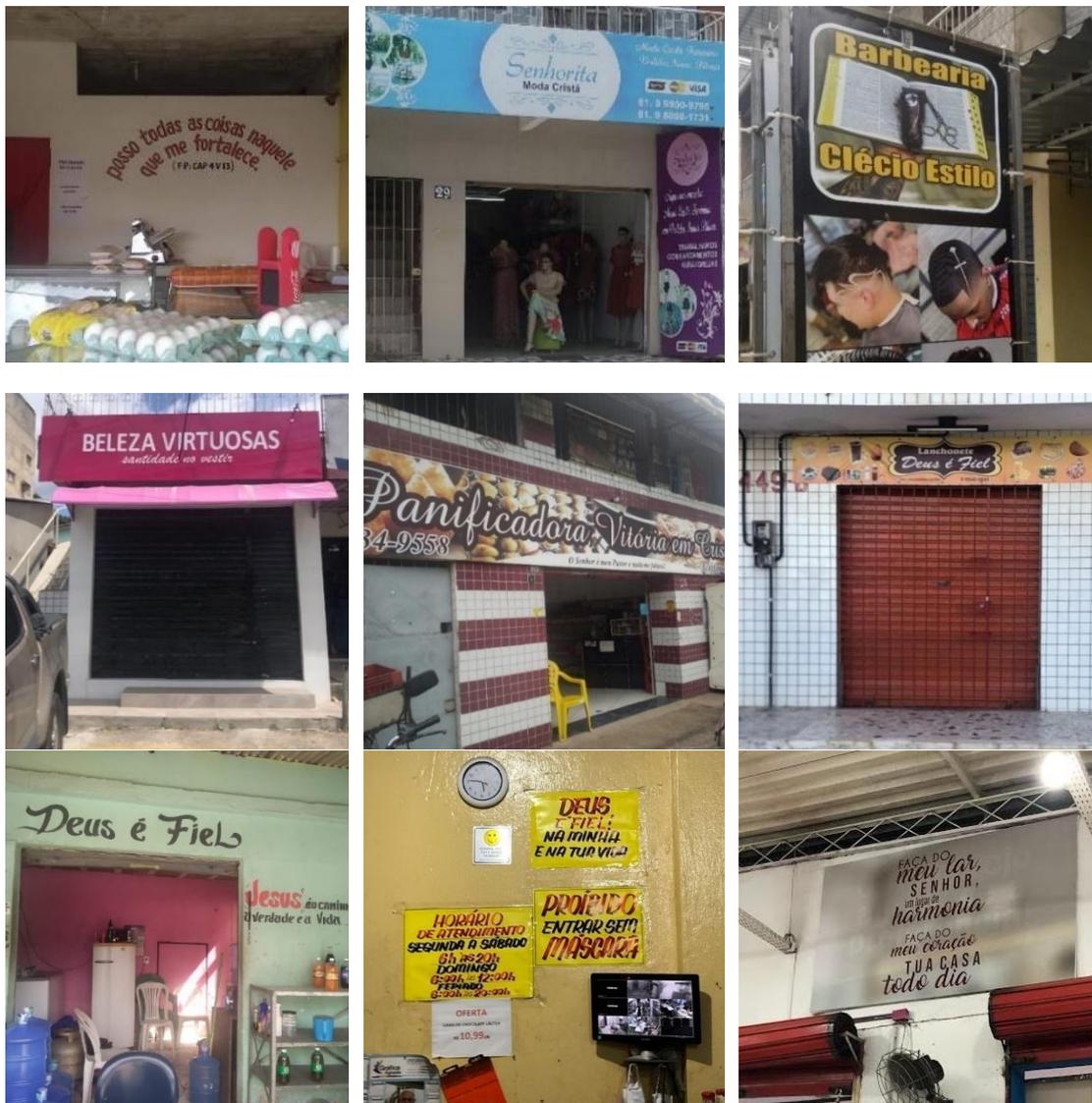
Faggion, Misturini e Pizzol (2013) complementam essa perspectiva ao afirmar que o topônimo é um "pequeno texto" ou até mesmo um "discurso" que reflete toda uma situação de fala e as complexas relações que a sustentam. Esse discurso pode preservar, revelar ou desvelar as ideologias que o engendraram ou que por ele perpassam.

Os topônimos são sinais importantes, indicativos da cultura, da história e da linguagem de um povo. Ditos ou escritos, os topônimos propiciam informações a respeito das sucessivas gerações de uma localidade, dos homens que aí nasceram, trabalharam e viveram, bem como daqueles que mereceram sua homenagem. Aludem a fatos e datas significativas, dão conta das devoções, traduzem sentimentos (Faggion; Dal Corno; Frosi, 2008, p. 278).

Durante o trabalho de campo, foram encontradas diversas lojas de vestimenta, como a "Senhorita – Moda Cristã" e a "Beleza Virtuosas – Santidade no Vestir" (Figura 3). O comércio local revela que a cidade é um significativo ponto de vendas para esse

público feminino, diante da constatação que parcela importante da população professa a fé protestante (portanto, há um potencial e significativo público consumidor). Há ainda os mercados que, mesmo que seus nomes não façam menção ao universo religioso, possuem em seu interior citações de versículos bíblicos que simpatizam com a esfera evangélica da cidade. Farmácias, padarias, barbearias e até “fiteiros” e “vendinhas” ressaltam essa espacialidade, como se pode ver no conjunto de imagens da Figura 3.

Figura 3- Paisagem comercial com topônimos ou símbolos evangélicos em Abreu e Lima



Fonte: autores, 2022.

Ao estudarmos o ato de nomeação, estaremos adentrando na esfera dos símbolos e significados. A cidade Abreu e Lima é analisada aqui sob a perspectiva de

uma paisagem comercial que carrega em sua fachada marcas de uma cultura local. Essas marcas transcendem as necessidades meramente comerciais e produzem e reproduzem espaços que, mesmo inscritos no mundo, tentam se afastar do profano. O evangélico, mesmo não transformando sua empresa em um templo, tenta ao menos fazer com que ela se aproxime parcialmente desse ideal.

A Paisagem Sonora de Abreu Lima

Abreu e Lima apresenta, como toda e qualquer cidade, características próprias vinculadas à sua formação e desenvolvimento. Quando se fala em paisagem corporal e comercial, ambas circulam no âmbito do visível, da percepção a partir do olhar; o que nos leva a reiterar o argumento de Besse: “a paisagem é a ordem do mundo que se faz visível” (2014, p. 38). No entanto, outra particularidade acontece no espaço abreulimense, a saber: a paisagem sonora, marcada pelo contraste entre a música gospel/louvores de adoração e os ritmos “mundanos”, sendo aquele em maior proporção do que este.

De fato, seria difícil relatar a paisagem sonora com precisão usando apenas palavras. Schafer (2011, p. 23) já expunha que formular uma impressão exata de uma paisagem sonora é mais difícil do que a de uma paisagem visual, visto que para efetivar uma imagem totalmente convincente de uma paisagem sonora são necessárias habilidade e paciência extraordinárias.

Silva (2016) assinala que a paisagem religiosa evangélica dificilmente é perceptível somente a partir de materialidades. Assim, elementos do sagrado vinculados a essa matriz religiosa podem não ser percebidos apenas com o sentido da visão, o que, nas palavras do autor, poderia fragilizar ou incapacitar o estudo da paisagem religiosa evangélica se o conceito de paisagem fosse restrito apenas ao sentido da visão.

A espacialidade sagrada do movimento evangélico carrega consigo a concepção de que a manifestação da religiosidade está apenas no indivíduo, que por sua vez atua no espaço e que se apresenta como se fosse um produto final na paisagem. Podemos dizer que o estudo da paisagem sonora é dinâmico e eficiente para evidenciar que a paisagem religiosa não é um produto final, mas que está em constante mutação, progresso numérico e mediático (Silva, 2016. p.52).

Outro ponto importante trazido por Silva (2016) é que a paisagem sonora compõe a marca de um lugar, e que os sons seriam, então, o meio de reforçar a identificação dos sujeitos com um determinado espaço. Este espaço forma uma paisagem sonora que estabelece valores diferenciados para cada sujeito, contribuindo para a criação do sentimento de pertencimento devido a apresentarem sonoridades que estabelecem familiaridade na paisagem.

Tais constatações corroboram com Torres (2012) em seu trabalho sobre a paisagem sonora religiosa, no qual procurou desenvolver a íntima ligação que ocorre entre os sons produzidos nos espaços religiosos e o ser religioso. Nessas paisagens sonoras, desenrola-se a construção de paisagens da memória, sendo estas imprescindíveis à construção identitária do sujeito em questão. Para o autor:

Tal multiplicidade de sons e sonoridades, aqui denominada paisagem sonora religiosa, envolve seus fiéis por meio dos diferentes elementos que a compõem, o que faz dela portadora de mensagens e significados que participam da identidade do espaço religioso e do ser religioso. (Torres, 2012, p. 11).

Expandindo essa afirmativa, pode-se ainda considerar a música que se perpetua tanto dentro dos templos religiosos quanto nas casas, nas ruas, em lojas e outros cantos da cidade, evocando para o espaço uma identidade e uma paisagem característica que agem diretamente e constantemente nas pessoas que se expõem a essa espacialidade sonora.

Assim, temos que a paisagem sonora consiste, citando Schafer (2011), em eventos ouvidos e não em objetos vistos. Esses eventos estimulam a criação de marcas e promovem uma identificação espacial que se apresenta em contínuo processo. Logo, a paisagem sonora revela pontos fundamentais na percepção de símbolos e significados que se solidificam a partir dos sons e, “quando esses sons se tornam parte do cotidiano de uma dada coletividade, conferem uma identidade ao indivíduo e ao grupo” (Silva, 2016, p. 51). A fotografia em sequência abaixo (Figura 4) foi elaborada na Praça São José, localizada no centro da cidade de Abreu e Lima. Nela, um homem vestido de terno e gravata está acompanhado de uma caixa de som e microfone, cantando louvores e realizando pregações. Essas ações são comuns na cidade, exemplificando uma das formas da paisagem sonora.

Figura 4- Homem produzindo paisagem sonora evangélica na Praça São José em Abreu e Lima (pregando e tocando hino)³



Fonte: autores, 2022.

É necessário ressaltar que a cidade está imersa em uma diversidade musical. Na mesma rua, é possível ouvir, em dada residência, música gospel tocada na rádio Maranata; de outra casa emana brega-funk em caixas de som acopladas atrás do porta-malas de um carro; ou até mesmo um jovem caminhando com o som do celular tocando sertanejo. A paisagem sonora aqui destacada é como a da primeira casa, que, durante as idas a campo, foi a mais evidenciada, juntamente com os hinos e louvores de igrejas nos cultos pela manhã ou nos “pontos de pregação”⁴ que não possuem local fixo. Em muitos casos, o alto volume do som é uma forma de propagar a fé, conquistar fiéis e/ou demonstrar filiação a certa doutrina.

A sonoridade da cidade, de fato, não pode ser caracterizada apenas por uma única vertente. Temos aqui um ponto de partida para compreender essa paisagem singular gerada a partir de um grupo específico. A paisagem está muito além do que se vê, como colocado por Torres e Kozel (2010, p. 124): “cada paisagem é produto e produtora da cultura, e é possuidora de formas, cores, cheiros, sons e movimentos” que podem ser experienciados pelas pessoas que a vivenciam ou abstraídos por aqueles que a veem/ouvem sobre ela.

³ O homem da fotografia tocava o Hino 15 da Harpa Cristã, intitulado “Conversão”. O hino pode ser ouvido por meio do link: www.youtube.com/watch?v=k_9XDOTm6aM. Acesso em: 22 nov. 2024.

⁴ O ponto de pregação é um local destinado à realização de cultos, geralmente em horários diferentes dos habituais, com o objetivo de evangelizar os moradores da região e, eventualmente, estabelecer uma nova igreja.

Ribeiro (2007, p. 1), afirma que a definição de paisagem não é uma tarefa simples, em vez disso, apresenta problemas de, pelo menos, três ordens: a primeira está no fato de o termo ser amplamente utilizado pelo senso comum, variando assim seus usos; a segunda se dá por ser um termo utilizado por diferentes disciplinas científicas, como "arquitetura, urbanismo, paisagismo, arqueologia, ecologia, entre outras", criando abordagens específicas que variam ao longo do tempo e do espaço; e a terceira dificuldade está nos vários significados que o termo ganha ao estar em outras línguas.

Dessa forma, é necessário atentar às maneiras de abordar a paisagem. Os símbolos constituem uma parte fundamental das concepções de paisagem cultural, abrindo portas tanto para a cultura quanto para a dimensão simbólica da realidade. Assim, a paisagem possui, em sua formação, símbolos e valores que reproduzem a cultura local.

Embora as paisagens discutidas neste trabalho sejam apresentadas separadamente para evidenciar suas características, elas, na realidade, se inter-relacionam e formam o espaço abreuelimense de maneira conjunta. A cidade é vivenciada nessas paisagens, e tais paisagens refletem a identidade evangélica. Esse reflexo não se limita apenas às igrejas e suas construções, mas também se manifesta em aspectos menores como a fachada de uma loja, uma música gospel tocando no supermercado ou nas vestimentas dos habitantes, tornando o evangélico um sujeito paisagístico. Essas considerações, somadas aos estudos da paisagem, produzem e fornecem uma perspectiva que vai além daquilo que a visão alcança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, inspirado pelas dinâmicas socioespaciais vivenciadas pela autora, propôs compreender o fenômeno religioso pentecostal na capital dos evangélicos de Pernambuco através da paisagem. Com base nas concepções e teorias da Geografia Cultural, compreendeu-se que o espaço e a paisagem estão carregados de influências culturais e simbolismos. Assim, para entender a sociedade, é necessário atentar para os aspectos singulares que cada uma dessas categorias geográficas apresenta.

A análise das diferentes dimensões de paisagens — corporal, comercial e sonora — revelou como cada uma delas contribui para a formação da identidade e da cultura no espaço abreulimense. A paisagem corporal é uma expressão visível da identidade que gera não apenas uma imagem, mas também exterioriza práticas e costumes que podem ser determinados pelas condições socioculturais, conformando símbolos e significados através do corpo, dessa forma essa paisagem é um símbolo que comunica significados e valores. Neste aspecto, as vestimentas utilizadas de acordo com os preceitos das igrejas protestantes foram facilmente notadas durante os trabalhos de campo. A paisagem comercial, por sua vez, vai além do aspecto econômico e se entrelaça com a cultura local. Elementos como toponímia e fachadas não apenas atendem a necessidades comerciais, mas também expressam princípios e valores religiosos que se distanciam do cotidiano profano, criando um espaço que ressoa com a identidade religiosa do indivíduo. Esta dimensão da paisagem talvez seja a de maior apelo visual, uma vez que os cartazes e placas chamam muito a atenção, evidenciando grande relação com o público evangélico da cidade. Finalmente, a paisagem sonora contribui para a identificação dos indivíduos com um determinado lugar, através dos sons que compõem e reforçam a sensação de pertencimento e de valor para cada sujeito. Neste caso, houve uma maior dificuldade de apreensão e registro, todavia também se mostrou uma faceta notável nas audições realizadas no terreno, onde a presença de músicas e hinos de caráter evangélico mostraram-se parte do cotidiano abreulimense.

Cada uma dessas três dimensões combina-se de diferentes maneiras, compondo quadros paisagísticos da capital dos evangélicos de Pernambuco, ou seja, interação de maneira complexa, contribuindo para a construção de identidades coletivas e individuais, reforçando a ideia de que o espaço é sempre dinâmico, vide as interações sociais, culturais e econômicas.

REFERÊNCIAS

ALEPE. Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco. **Diário Oficial do Estado de Pernambuco - Poder Legislativo**. 2018. Disponível em: <<http://www.alepe.pe.gov.br/proposicao-texto-completo/?docid=6689ED3C5E0490810325827A006B9F1F&tipoprop=>>>. Acesso em: 31 mar. 2023.

AZEVEDO, A. F. Desgeografização do corpo: uma política de lugar. In: AZEVEDO, Ana Francisca; PIMENTA, José Ramiro; SARMENTO, João (orgs.). **Geografias do**

corpo: ensaios de geografia cultural. Porto: Figueirinhas, 2009. Disponível em: researchgate.net/publication/272162758_Geografias_do_Corpo_Ensaios_de_Geografia_Cultural_Body_Geographies_Essays_in_Cultural_Geography . Acesso em: 31 jun. 2024.

AZEVEDO, A. F.; PIMENTA, J. R.; SARMENTO, J. (orgs.). **Geografias do corpo: ensaios de geografia cultural.** Porto: Figueirinhas, 2009. Disponível em: researchgate.net/publication/272162758_Geografias_do_Corpo_Ensaios_de_Geografia_Cultural_Body_Geographies_Essays_in_Cultural_Geography . Acesso em: 31 jun. 2024.

BAXTER, J. Case studies in qualitative research. In: HAY, I. (Ed.). **Qualitative research methods in human geography.** Ontario, Oxford University Press Canada, 2010, p.81-97.

BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Geografia cultural: uma antologia**, vol. 1. SciELO – EDUERJ, 2012. p. 239-244.

BESSE, J.M. **Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia.** 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BÍBLIA. **Gênesis.** In: SANTA BÍBLIA. L.C.C. Publicações Eletrônicas, Cap. 1, vers. 26. Disponível em: www.ebooksbrasil.org/adobeebook/biblia.pdf. Acesso em: 14 mai. 2022.

CLAVAL, P. **A geografia cultural.** Florianópolis: UFSC, 1999.

CONDEPE/FIDEM. Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco. **Município Abreu e Lima.** Recife, 2015. Disponível em: www2.condepefidem.pe.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=5126de9d-8ed1-418f-b950-95d2d1f80e9f&groupId=19941. Acesso em: 22 mar. 2020.

CORRÊA, R. L. Carl Sauer e Denis Cosgrove: a paisagem e o passado. In: **Espaço Aberto**, PPGG - UFRJ, v. 4, n. 1, ISSN 2237-3071. 2014. Disponível em: revistas.ufrj.br/index.php/EspacoAberto/article/view/2431/2077. Acesso em: 25 out. 2021.

CORRÊA, R. L. Denis Cosgrove – a paisagem e as imagens. **Espaço e Cultura**, [s.l.], n. 29, p. 7-21, jun. 2011. ISSN 2317-4161. Disponível em: www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3528/2454. Acesso em: 22 dez. 2020.

CORRÊA, R. L. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas.** 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 15-48.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

DUNCAN, J. O supraorgânico na geografia cultural americana. **Espaço e Cultura**, [s.l.], n. 13, p. 7-33, jan./jun. 2002. ISSN 2317-4161. Disponível em: www.epublicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7423. Acesso em: 05 mar. 2023.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O. M.; FROSI, V. M. Topônimos em Bento Gonçalves: motivação e caracterização. **Métis: história e cultura**, Caxias do Sul, v. 7, n. 13, p. 277-298, 2008.

FAGGION, C. M.; MISTURINI, B.; DAL PIZZOL, E. V. Ideologias no ato de nomear: a toponímia revelando mudanças nas relações de poder de uma comunidade. **Entreletras**, Araguaína/TO, v. 4, n. 2, p. 10-30, ago./dez. 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, P. C. C. O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GOMES, P. C. C.; RIBEIRO, L. P. A produção de imagens para a pesquisa em geografia. **Espaço e Cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, n. 33, p. 27-42, 2013.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Abreu e Lima: história e fotos**. 2017. Disponível em: cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/abreu-e-lima/historico. Acesso em: 14 mai. 2022.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Abreu e Lima: história e fotos**. 2010. Disponível em: www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe/abreu-e-lima.html. Acesso em: 30 mar. 2023.

MENDES, A. A.; MENDES, Fabiene Dutra; MENDES, Leiliane de Abreu; VIEIRA, Priscila Miranda Silva; VIEIRA, Walquíria Silva. A toponímia comercial. **Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery**. N.º 9, 2010, p. 1-8.

NASCIMENTO, R. V. do; ANDRADE, Karylleila Santos; PEREIRA, Carolina Machado Rocha Busch. Toponímia e geografia cultural: tecendo fios de investigações no âmbito da interdisciplinaridade. **Revista de Estudos da Linguagem**, [S.l.], v. 26, n. 3, p. 1003-1029, jun. 2018. ISSN 2237-2083. Disponível em: www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/12878. Acesso em: 01 abr. 2024.

NUNES, C. X. **Geografias do corpo: por uma geografia da diferença**. Orientador: Prof. Dr. Nelson Rego. 2014. 261 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: www.lume.ufrgs.br/handle/10183/94741. Acesso em: 14 mai. 2022.

PEDROSA, B. V. O império da representação: a virada cultural e a geografia. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, N. 39, p.31-58, jan./jun. de 2016, p.31-58. Disponível em: e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/. Acesso em 21 nov.2024.

PIMENTA, J. R. O corpo, lugar do tempo. In: AZEVEDO, Ana Francisca; PIMENTA, José Ramiro; SARMENTO, João (orgs.). **Geografias do corpo: ensaios de geografia cultural**. Porto: Figueirinhas, 2009. Disponível em: researchgate.net/publication/272162758_Geografias_do_Corpo_Ensaio_de_Geografia_Cultural_Body_Geographies_Essays_in_Cultural_Geography. Acesso em: 31 jun. 2024.

PREFEITURA DE ABREU E LIMA. **Plano Diretor de Abreu e Lima**, Lei nº 650/2008. Disponível em: abreuelima.pe.gov.br/planejamento-urbano/. Acesso em: 14 mai. 2022.

RIBEIRO, R. W. **Paisagem**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007. Disponível em: portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Paisagem%20-%20Dicion%C3%A1rio%20Iphan.pdf. Acesso em: 01 abr. 2024.

RIGONI, A. C. C. Corpo e religião: aproximações possíveis. In: **XVIII CONBRACE / V CONICE**, Brasília, p. 13, 2013. Disponível em: congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2013/5conice/paper/viewFile/4832/2913. Acesso em: 14 mai. 2022.

RIGONI, A. C. C.; PRODÓCIMO, E. Corpo e religião: marcas da educação evangélica no corpo feminino. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 221-243, jan./mar. 2013. Disponível em: www.scielo.br/j/rbce/a/4VtG8cBPh4xLxtrsbnyZjmG/. Acesso em: 14 mai. 2022.

ROCHA, G. Paisagens corporais na cultura brasileira. In: **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 43, n. 1, jan./jun. 2012, p. 80-93. Disponível em: www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/422/404. Acesso em: 25 mar. 2023.

RODRIGUES, J. C. **Estado do Tocantins: política e religião na construção do espaço de representação tocantinense**. 2008. 148 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2008.

ROLIM, F. C. **Religião e classes populares**. Petrópolis: Vozes, 1980. 207 p.

ROSA, W. T. **Territorialidade da igreja católica e interfaces com a religiosidade popular no recôncavo da Bahia: a diocese de Amargosa e os espaços de crenças na festa de São Roque em Nazaré**. 2014. 340 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, 2014. Disponível em: repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/15216/1/Tese%20-%20Wedmo%20Teixeira%20Rosa%20-%20PPGEO-UFPE%20-%202014.pdf. Acesso em: 25 out. 2021.

ROSENDAHL, Z. Tempo e temporalidade, espaço e espacialidade: a temporalização do espaço sagrado. In: **Uma procissão na geografia (online)**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, p. 247-273. Disponível em: books.scielo.org/id/wy7ft/epub/rosendahl9788575115015.epub. Acesso em: 25 out. 2021.

SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SCHAFFER, R. M. **A afinação do mundo**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2011.

SCHIER, R. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. **RA'E GA**, Curitiba, [s.l.], v. 7, p. 1-10, dez. 2003. Disponível em: revistas.ufpr.br/raega/article/view/3353. Acesso em: 31 mar. 2021.

SEWELL JR., W. H. The concept(s) of culture. In: OAKES, Timothy S.; PRICE, Patricia L. **The Cultural Geography Reader**. Oxford: Routledge, 2008, p. 40-49.

SILVA, E. C. G. da. **A capital evangélica e a paisagem: igrejas pentecostais e transformação do espaço no município de Abreu e Lima, PE**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Geografia Bacharelado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023. Disponível em: repositorio.ufpe.br/handle/123456789/51732. Acesso em: 19 dez. 2024.

SILVA, L. R. T. da. **Paisagem sonora na formação do patrimônio imaterial evangélico da região metropolitana de Fortaleza**. 2016. 227 f. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Fortaleza, 2016. Disponível em: repositorio.ufc.br/ri/bitstream/riufc/21516/1/2016_tese_lrtsilva.pdf. Acesso em: 14 mar. 2024.

SOUZA, A. J. S. L. de. **"Tia, o que é religião?"Religião, moral e corpo entre crianças na cidade mais evangélica do Brasil**, 2016. 120 f. Dissertação (Mestre em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em: repositorio.ufpe.br/handle/123456789/27105. Acesso em: 14 mai. 2022.

SOUZA, J. A. X. de. Religião: um tema cultural de interesse geográfico. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, v. 12, n. 1, p. 69-80, 2010. Disponível em: rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/33. Acesso em: 16 fev. 2020.

SOUZA, M. L. de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SPYER, J. **Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam**. 1. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2020. 284 p.

TORRES, M. A. A paisagem sonora religiosa. **Para Onde!?**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 11–19, 2012. Disponível em: seer.ufrgs.br/paraonde/article/view/36475. Acesso em: 25 mar. 2023.

TORRES, M. A.; KOZEL, S. Paisagens sonoras: possíveis caminhos aos estudos culturais em geografia. **RA'E GA**, Curitiba, n. 20, p. 123-132, 2010. Editora UFPR. Disponível em: revistas.ufpr.br/raega/article/download/20616. Acesso em: 25 mar. 2023.

WILLIAM, R. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

Recebido em 12 de setembro de 2024
Aceito em 06 de janeiro de 2025